



OPINIÃO

O papel da inteligência artificial e o impacto da tecnologia no SUS

Simone Vicente (*)

A saúde é um direito de todos e o Sistema Único de Saúde (SUS) é a maior prova disso.

Reconhecido como uma das redes públicas mais amplas e complexas do mundo, o SUS atende cerca de 131,2 milhões de brasileiros e oferece atenção primária a aproximadamente 60% da população. Para que uma estrutura dessa dimensão se mantenha atualizada e eficiente, são necessárias políticas e iniciativas que garantam experiências de cuidado mais qualificadas. Nesse contexto, a tecnologia tem se consolidado como grande aliada, especialmente com a adoção de soluções digitais e inteligência artificial (IA).

Nos últimos anos, o SUS tem dado passos decisivos rumo à transformação digital, aproximando-se das diretrizes mais avançadas da Organização Mundial da Saúde (OMS), da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). O movimento coloca o Brasil em posição de destaque no cenário global.

O ponto central dessa revolução é a **Rede Nacional de Dados em Saúde (RNDS)**, a plataforma oficial do Ministério da Saúde que conecta de forma segura e padronizada informações de pacientes, unidades e profissionais em todo o país. Baseada em um protocolo internacional, a RNDS garante interoperabilidade entre sistemas municipais, estaduais e federais. Segundo o Ministério da Saúde, a dimensão dessa infraestrutura vem crescendo de forma acelerada, a RNDS passou de 2,8 bilhões de registros em julho de 2025 para 4,6 bilhões em maio de 2026, reforçando seu papel como base nacional para integração e uso estratégico de dados em saúde.

O tema também ganhou força no Congresso Nacional, com o parecer mais recente da PL nº 5.875/2013 que propõe a instituição da RNDS, do CadSUS e da Plataforma de Conexão do SUS em lei, com o objetivo de promover a interoperabilidade de dados em saúde em todo o território nacional. A proposta reforça que a integração entre sistemas deixou de ser apenas uma agenda tecnológica e passou a ocupar espaço estratégico na formulação de políticas públicas para o setor.

A modernização da RNDS impulsiona esta revolução digital garantindo a continuidade assistencial e a integração de dados para que os históricos clínicos e prontuários dos pacientes circulem de forma integrada. Outro avanço importante foi a Portaria GM/MS nº 6.656/2025, que tornou obrigatório o envio periódico dos dados de Regulação do Acesso à RNDS, por meio do Modelo de Informação da Regulação Assistencial (MIRA).

Esta interoperabilidade e a digitalização possibilitam um acompanhamento histórico da saúde do paciente. Além disso, ao permitir que exames, prontuários e históricos clínicos circulem de forma integrada, a RNDS reduz a necessidade de repetição de exames já realizados e contribui para a redução de gastos associados a processos desnecessários e ao uso de papel.

A infraestrutura já é realidade no Brasil e representa uma das iniciativas mais ambiciosas do mundo em termos de integração nacional de dados de saúde. O **Meu SUS Digital**, cada vez mais fortalecido como hub central de informações para usuários e profissionais, é um exemplo de como o país tem conhecimento e capacidade tecnológica para garantir acesso qualificado a dados clínicos, apoiar a telemedicina e estimular políticas públicas baseadas em evidências. Além disso, a chegada do 5G, que já cobre mais de 63% do território nacional, impulsiona essa transformação ao

viabilizar conexões mais rápidas e estáveis, fundamentais para serviços digitais em saúde em tempo real.

Em 2026, o governo também anunciou a expansão da conectividade para até 3,8 mil Unidades Básicas de Saúde, iniciativa que deve fortalecer o uso do prontuário eletrônico, da Telessaúde, de teleconsultas, do telediagnóstico e da integração clínica via RNDS.

Na ponta do cuidado, a transformação também chega por meio do Prontuário Eletrônico do Cidadão (PEC), já implantado em todos os municípios brasileiros, demonstrando que ao digitalizar os atendimentos da Atenção Primária, o Brasil melhora a continuidade assistencial e garante dados estruturados para planejar políticas públicas. Ademais, orientações técnicas recentes do Ministério da Saúde passaram a tratar do cadastro de recém-nascidos nos sistemas indicados para permitir o registro dos primeiros imunizantes e o envio dessas informações à RNDS, reforçando a importância da integração desde os primeiros momentos da vida.

Mas, para garantir que a tecnologia avance cada vez mais no Brasil, as organizações de saúde contribuem ativamente com o SUS. Como por exemplo a Fundação Instituto de Pesquisa e Estudo de Diagnóstico por Imagem – FIDI, maior empresa de diagnóstico por imagem do Brasil, que investe em projetos no desenvolvimento de soluções em IA direcionadas para o setor público. Entre essas inovações, destaca-se o uso de uma ferramenta que permite à IA identificar até 75 tipos de alterações em exames de radiografia de tórax em menos de 5 minutos.

Outro exemplo de inovação que já mostra resultados concretos na rede pública é a automação do atendimento por meio de **totens digitais**, que reduziu de forma significativa o tempo de abertura de fichas, de uma média de sete minutos para apenas três minutos. Implantada pela **FIDI**, a solução vai além da agilidade inicial: o tempo médio de espera do paciente para ser atendido por um profissional caiu de até 40 minutos para cerca de 15 a 20 minutos. Essa transformação é possível graças a um sistema inteligente que organiza as filas de acordo com prioridade e modalidade de exame, garantindo eficiência no fluxo e melhorando a experiência de quem utiliza o SUS.

Como avançar e quais os próximos passos

A OMS aprovou a extensão de sua Estratégia Global de Saúde Digital até 2027, e prepara o plano 2028-2033, reforçando que plataformas nacionais, interoperabilidade e serviços digitais inclusivos são prioridades mundiais. O SUS já cumpre parte dessas recomendações, demonstrando capacidade de alinhar-se às tendências globais com soluções de grande escala.

Mas, apesar dos avanços, ainda existem desafios como a adoção desigual entre regiões, a necessidade de ampliar o uso secundário de dados para pesquisa e gestão de mais políticas éticas e regulatórias para o uso da inteligência artificial em saúde. Esses pontos também aparecem na agenda internacional e serão cruciais para a próxima fase da transformação digital brasileira.

A digitalização do SUS representa não apenas inovação tecnológica, mas uma mudança estrutural na forma como o Brasil garante acesso universal à saúde. Ao integrar dados, serviços e cidadãos em uma mesma rede, o país mostra que é possível combinar escala, equidade e inovação, valores que fazem do SUS uma referência não só em saúde pública, mas também em saúde digital no mundo.

(*) CEO da Fundação Instituto de Pesquisa e Estudo de Diagnóstico por Imagem (FIDI).

Agora é a PricewaterhouseCoopers que publica relatórios com alucinações produzidas por inteligência artificial

As quatro maiores empresas globais de consultoria e auditoria são Deloitte, EY, KPMG e PricewaterhouseCoopers (PwC). Como noticiamos recentemente, EY e KPMG publicaram relatórios produzidos por IA, repletos de erros, chamados “alucinações” nesse ambiente.

Vivaldo José Breternitz (*)

Agora, descobre-se que a PwC publicou não um, mas pelo menos quatro relatórios recheados de erros graves, como citações inventadas, notas de rodapé falsas e referências sem fundamento. Os documentos foram publicados pela PwC entre 2024 e 2026 e identificados como gerados por inteligência artificial pelo GPTZero, uma ferramenta criada com esse objetivo.

As falhas foram confirmadas por veículos de peso, como o *Financial Times*. Os relatórios deveriam refletir a visão da PwC sobre setores em expansão no Oriente Médio, como inteligência artificial, serviços públicos e veículos elétricos.

Entre os casos mais controversos, um relatório afirmava que 70% dos CEOs da região acreditavam que a IA generativa redefiniria seus negócios. Porém, a nota de rodapé indicando a fonte remetia a um artigo sem qualquer menção ao assunto.

O episódio mais constrangedor envolveu um suposto “case de sucesso” do grupo JPMorgan, baseado em um post publicado em um blog por um adolescente com apenas 280 seguidores. O relatório dizia que a iniciativa, baseada em IA, automatizava a análise de contratos de empréstimos, economizando milhões de dólares. Mas havia um proble-



peshkov_CANVA

ma: o post mencionava um projeto que o JPMorgan estudara em 2017, muito antes de IA passar a ser usada rotineiramente.

Informações sobre veículos elétricos também apresentaram inconsistências, como estudos inexistentes sobre a qualidade do ar em Riad e links quebrados em notas de rodapé. Em três trechos diferentes, foi repetida a informação de que 90% dos acidentes de trânsito são causados por erro humano, cada vez com uma fonte diferente, e uma vez sem fonte alguma.

A ironia é que a PwC se posiciona como

referência em uso responsável de inteligência artificial. A empresa, no entanto, reconheceu as falhas e prometeu revisar seus processos.

Fica, contudo, o alerta: se gigantes do setor cometem deslizos desse porte, qual é o real nível de precisão de consultorias menores ou de conteúdos gerados por funcionários ou prestadores de serviço sem a devida checagem?

(*) **Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.**

Uso de agentes de IA e People Analytics em ciclos curtos reformula a gestão de pessoas em empresas de tecnologia

Com 80% das empresas no Brasil enfrentando dificuldades para contratar profissionais qualificados — e a área de TI liderando esse déficit com 39% (ManpowerGroup) —, a retenção de talentos virou prioridade estratégica no setor de tecnologia. O cenário é agravado pela rápida transformação do mercado: o Fórum Econômico Mundial aponta que 63% dos empregadores veem o gap de habilidades como o maior obstáculo para os negócios, enquanto dados do Datafolha indicam que processos seletivos da área chegam a levar até três meses. Diante dessa escassez, evitar a rotatividade de profissionais tornou-se uma questão de eficiência operacional.

Diante da necessidade de acompanhar essa evolução em ritmo acelerado, os modelos tradicionais de escuta corporativa — como as pesquisas de clima anuais ou semestrais —

vêm enfrentando baixos índices de resposta e pouca efetividade. Análises da consultoria McKinsey & Company apontam para uma aparente desconexão no ambiente corporativo: enquanto o RH investe em canais tradicionais de escuta, a maioria dos colaboradores sente que pesquisas anuais ou pontuais raramente se convertem em mudanças práticas no dia a dia, gerando acúmulo de dados sem efeito operacional.

Como alternativa para mitigar a "fadiga de pesquisas", empresas do setor de tecnologia vêm aplicando o conceito de escuta ativa contínua em ciclos curtos — "ouvir, analisar, agir e medir novamente" —, suportado por camadas de inteligência artificial e People Analytics.

Na prática, a consolidação desse modelo vem sendo impulsionada pela integração de

agentes de inteligência artificial generativa em plataformas de People Analytics. Ao permitir a consulta de bases de dados integradas por meio de comandos em linguagem natural, a tecnologia reduz o tempo de processamento de relatórios de semanas para poucos segundos.

Na operação da Factorial — plataforma de IA para RH e DP —, essa dinâmica foi levada para o dia a dia por meio da combinação de pesquisas de pulso frequentes e do uso do agente de IA One. Em vez de consolidar planilhas manualmente, a gestão utiliza o agente para consultar gargalos de clima em tempo real e municiar os líderes diretos com diagnósticos precisos. Assim, os dados coletados viram pauta imediata e planos de ação práticos nas reuniões individuais de 1:1 entre gestores e colaboradores, fechando o ciclo de escuta com agilidade (factorialhr.com.br).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

BB e Pagaleve lançam nova experiencia de crédito para e-commerce

@O Banco do Brasil, em parceria com a fintech Pagaleve, lança uma nova experiência de crédito para o e-commerce que integra pagamento e financiamento diretamente na tela de pagamento das lojas virtuais. A novidade nasce da conexão entre o Banco e a startup investida pelo BB Ventures, em mais uma iniciativa alinhada à estratégia de inovação aberta da instituição para gerar valor para os clientes. A solução vem para transformar a experiência de crédito no ambiente online, combinando conveniência, inovação e uma jornada de contratação mais simples e intuitiva. No momento da compra, ao selecionar a forma de pagamento “Parcelamento via Pix” da Pagaleve, o cliente passa a visualizar de forma simples e integrada as condições de parcelamento disponíveis. E para clientes do Banco do Brasil, são ofertadas opções de financiamento em até 60 vezes, ampliando a capacidade de compra da pessoa física em categorias de maior valor agregado (www.bb.com.br/bbrealiza).

Plataforma para enfrentar nova geração de ataques cibernéticos movidos por IA

@A Apura Cyber Intelligence desenvolveu o BTTneo, uma plataforma que combina inteligência artificial agêntica, automação e inteligência humana para apoiar operações de segurança cibernética e resposta a incidentes. "O mercado passou muitos anos preocupado em coletar cada vez mais informações, mas hoje o desafio mudou. Os ataques são mais rápidos, utilizam inteligência artificial e geram um volume de dados que não pode mais depender apenas de análise manual. O diferencial passou

a ser capacidade de transformar informação em inteligência acionável", afirma Frank Vieira, CTO da Apura (https://apura.io/pt).

Solução nacional usa IA e arquitetura distribuída para digitalizar processo ainda analógico

@A Eco Inventory lança uma plataforma brasileira de gestão de inventário de estoque construída com uma arquitetura orientada a dados e automação inteligente, projetada para digitalizar integralmente um processo que, apesar de crítico para governança corporativa, permanece amplamente manual: o inventário físico de estoque e ativos. A solução inédita foi desenvolvida com foco em escalabilidade, integração com sistemas legados e capacidade de operar em ambientes de alta complexidade, combinando inteligência artificial, captura estruturada de informações, rastreabilidade avançada e conectividade via APIs com ERPs como SAP e Oracle.

Ascenty amplia a visibilidade de ativos críticos e avança na gestão de riscos em data centers

@A Ascenty, maior provedora de serviços de data center e conectividade da América Latina, fortaleceu a proteção de seus ativos críticos e ampliou a visibilidade sobre seus ambientes operacionais por meio da solução xDome da Claroty. A iniciativa faz parte da jornada contínua da Ascenty em cibersegurança e integra um programa mais amplo de gestão de riscos. Como resultado desse programa, a empresa registrou uma evolução estimada de aproximadamente 50% em sua maturidade de segurança e gestão de riscos cibernéticos (https://ascenty.com/solucoes/).